

MAPEANDO ALGUNS ROTEIROS DE TRABALHO DE CAMPO EM SOBRAL-CE: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DE GEOGRAFIA¹

Vanuzia Brito Lima²
Lenilton Francisco de Assis³

RESUMO

Este artigo associa uma breve reflexão sobre o papel do trabalho de campo no ensino de Geografia à sugestão de seis roteiros para serem trabalhados na cidade de Sobral (CE). Defende-se nesta proposta um trabalho de campo bem planejado e contextualizado como uma alternativa à formação de alunos críticos e conhecedores do lugar e do mundo onde vivem.

Palavras-chave: Trabalho de campo. Geografia. Ensino. Sobral.

RESUMEN

Este artículo asocia una breve reflexión sobre el papel del trabajo de campo en la enseñanza de Geografía a la sugerencia de seis guiones para que sean trabajados en la ciudad de Sobral (CE). Se defiende en esta propuesta un trabajo de campo bien planeado y contextualizado como una alternativa a la formación de alumnos críticos y conocedores del lugar y del mundo donde viven.

Palabras-clave: Trabajo de campo. Geografía. Enseñanza. Sobral.

INTRODUÇÃO

O trabalho de campo é um recurso metodológico de ensino-aprendizagem que vem sendo revalorizado na Geografia escolar para despertar o maior interesse dos alunos pela aprendizagem espacial.

Na chamada Geografia Tradicional, o trabalho de campo se pautava na observação e na descrição dos elementos contidos nas paisagens, o que resultava numa prática de ensino descritiva e numa leitura acrítica do espaço geográfico.

Na Geografia Crítica, porém, destaca-se a importância da preparação e da contextualização do trabalho de campo, para que possa propiciar ao aluno o interesse pelo estudo do lugar em que ele vive e a compreensão das contradições espaciais existentes. Nesta perspectiva, o trabalho de campo também se baseia na observação, permitindo ao aluno um olhar especial sobre os elementos da paisagem, fundamentado numa teorização prévia, o que lhe dá autonomia diante da produção do conhecimento, despertando o senso crítico e investigativo.

Ademais, outros valores de grande relevância são acrescidos, como cooperação nas realizações de trabalhos em equipe, gosto pelo estudo e pela investigação pessoal, desenvolvimento da sociabilidade e da fraternidade, melhorando as relações professor-aluno e aluno-aluno.

¹ Optamos por manter o título da monografia originária deste artigo. Porém os mapas dos roteiros sugeridos não puderam ser reproduzidos; eles podem ser consultados em Lima (2005).

² Bacharela e licenciada em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); professora da rede particular de ensino do município de Sobral. E-mail: vanuzialimageografa@ig.com.br

³ Professor Ms. do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).
E-mail: lenilton@yahoo.com

Desta forma, apresentamos neste artigo algumas das propostas da monografia desenvolvida por Lima (2005), no intuito de associar uma breve reflexão sobre o papel do trabalho de campo no ensino de Geografia a um exercício prático de identificação de seis roteiros no município de Sobral.

O TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O trabalho de campo sempre teve grande importância para a Geografia. Na história do ensino desta disciplina no país foram desenvolvidas duas modalidades de trabalho de campo: a “excursão geográfica” e o “trabalho de campo para a pesquisa geográfica”. Para Sansolo (2000, p. 136-7), a excursão geográfica

[...] caracteriza-se pelos aspectos ilustrativos, em que a observação empírica é a técnica principal utilizada, sendo na maioria das vezes direcionada pelo educador que *a priori* já possui conhecimentos gerais e específicos do trajeto a ser observado, portanto já conhece o fenômeno e impõe um ponto de vista segundo suas observações e reflexões.

A excursão geográfica tem sua importância pedagógica porque envolve vários estágios preestabelecidos sob a forma de etapas a serem desenvolvidas no percurso a ser feito. Seu principal objetivo é trabalhar a observação a partir do meio estudado, o que requer do professor um conhecimento prévio sobre a área a ser visitada.

Portanto, é uma modalidade com uma conotação empírica, o que dá um caráter ilustrativo ao conhecimento. Ir a campo é uma forma de confrontar com a realidade os conteúdos vistos em sala. Durante o percurso são realizadas paradas variadas, já pré-estabelecidas, onde os professores farão orientações e observações sob determinados aspectos discutidos e analisados em sala, unindo teoria e prática.

Carvalho (1941) ressalta que em muitas excursões os educadores se adiantam, fazendo as suas observações pessoais, retirando do aluno a oportunidade de realizar o exercício da observação e da análise. O resultado destas excursões “tradicionais” é o esperado: os educadores recebem as suas observações transcritas pelos educandos e poucas vezes as observações destes são construídas. Com isto, os objetivos da excursão geográfica são deturpados, tornando-se mais um recurso desinteressante e alienante para os alunos.

Na excursão geográfica, conforme Sansolo (1996, p. 46-7), três aspectos devem ser levados em consideração: o lúdico, a sociabilidade e o avaliativo. O lúdico, porque geralmente as áreas trabalhadas favorecem atividades de lazer (sob forma de banhos, jogos etc.). A sociabilidade se dá pela maior descontração entre os alunos e destes com os professores, possibilitando que valores importantes, tão ausentes em nossa sociedade, sejam vivenciados, como fraternidade, partilha e solidariedade. A avaliação pode ser feita de diversas maneiras, dentre as quais a solicitação aos educandos de registros sob forma de relatórios, painéis com fotos que ilustrem as informações observadas no decorrer da excursão etc.

Ressalta-se que em uma atividade de campo, a ferramenta mais importante é a habilidade sensorial, pois o aluno deve se deter a observar, analisar e apreender o objeto de estudo.

Já o trabalho de campo para a pesquisa geográfica é, conforme Sansolo (1996, p. 47),

[...] enfocado como um processo pedagógico de produção de conhecimento científico de forma participativa. Portanto, com suas especificidades, busca a construção acerca de um ou mais temas referentes ao espaço geográfico, conseqüentemente procura a essência das relações que se estabelecem e que se expressam através de fenômenos, da aparência do espaço, de uma paisagem, temas relativos ao meio físico ou aos fatores sociais que envolvem a produção e organização do espaço.

O autor acima ressalta ainda que o trabalho de campo é parte de uma metodologia de pesquisa, sendo fundamental no processo da construção do conhecimento. Rodrigues e Otaviano

(2001, p. 36) também reforçam esta visão, destacando que “[...] o trabalho de campo abarca o significado de método, porque é um caminho ou procedimento consciente, organizado racionalmente, com a finalidade de tornar o trabalho mais fácil e mais produtivo para o alcance de determinada meta”.

É bom que se diga que este recurso metodológico (assim como o entendemos) não é de domínio exclusivo da Geografia, muito embora esta ciência seja uma das que mais o utiliza na produção do conhecimento. Seguramente, todos os educandos que tiveram participação em trabalho de campo experimentaram com entusiasmo as emoções de uma aula prática de Geografia.

Contudo, é importante destacar que o trabalho de campo, como todo recurso, é um meio e não um fim no processo de ensino-aprendizagem. Na perspectiva dialética que aqui defendemos, o trabalho de campo é compreendido como mais um “caminho” para que o aluno possa compreender, a partir da leitura do seu espaço vivido e concebido, a totalidade do mundo, a qual é sempre dinâmica em virtude das relações sociais que a engendram.

De modo geral, o trabalho de campo ocorre inserido a um projeto de pesquisa, no qual educandos e educadores têm como ferramenta a percepção, associada às técnicas de coletas e mensuração para a obtenção de dados. Nesta modalidade prática de pesquisa sobre o espaço geográfico, deve-se ter muita atenção ao trato metodológico e epistemológico, no intuito de não dificultar o tratamento interdisciplinar, visto que cada ciência emprega suas técnicas e seus métodos para a obtenção dos resultados de uma pesquisa.

A realização de atividades conjuntas entre as diversas disciplinas possibilita ao aluno superar as visões fragmentadas da realidade, sendo, portanto, o trabalho de campo um ótimo recurso para esta empreitada.

O trabalho de campo pode ser implementado desde as séries iniciais do ensino fundamental como recurso aos professores de Geografia, História, Ciências e outras disciplinas, partindo-se da idéia de produção do conhecimento baseado na realidade e no cotidiano do aluno. A visão de mundo do aluno é incorporada ao processo de aprendizagem, que está associado a uma leitura crítica da realidade e ao estabelecimento de unidade entre a teoria e prática (RODRIGUES; OTAVIANO, 2001, p. 35).

Desse modo, todo e qualquer trabalho de campo, independente da série, merece respeito, não importa se este seja realizado em um bairro, no centro da cidade, em um museu, em um parque, em um teatro, em um rio etc. Para o educando, sair das dependências da escola para um determinado percurso extra-sala de aula é encarado como motivo de grande satisfação, pela sensação prazerosa que culmina para o incentivo à aprendizagem. Lembramos que em um trabalho de campo, a escola simplesmente torna-se ambulante por um tempo determinado à realização deste.

Faz-se importante ressaltar que muitas são as opções para a realização de um trabalho de campo pautado numa perspectiva sócio-construtivista (CAVALCANTI, 2002), pois o espaço geográfico de vivência ou de conhecimento dos alunos oferece um leque de alternativas, tanto no meio urbano como no meio rural.

[...] O meio é uma geografia viva. A escola, o córrego próximo, a população de um bairro, o distrito industrial, um parque, uma reserva florestal, um *shopping*, um hipermercado, a chácara da vizinha são elementos integrantes de um espaço, que podem ser pontos de partida para uma reflexão. Em um primeiro momento, pode-se “descrever”, utilizando os referenciais vivos para localizá-los; no entanto, é preciso ir além. Em qualquer lugar escolhido para realizar um estudo do meio, há o que ver, há o que refletir em geografia, pois não existem lugares privilegiados, não há lugares pobres. É preciso saber “ver”, saber “dialogar” com a paisagem, detectar os problemas existentes na vida de seus moradores, estabelecer relações entre os fatos verificados e o cotidiano dos alunos (PONTUSCHKA, 2004, p. 260).

Nesse sentido, o trabalho de campo possibilita ao aluno, nas aulas de Geografia, observar e compreender o seu lugar para, a partir deste, entender o mundo (CALLAI, 2001). Na realidade de muitas salas de aulas de Geografia ainda há uma desvalorização do lugar, do meio no qual o educando está inserido. Conseqüentemente, o aluno é, muitas vezes, levado a crer que paisagens bonitas, que as informações interessantes são as que ocorrem em espaços distantes do seu lugar de vivência, reforçando ainda mais o distanciamento entre a Geografia ensinada e o seu espaço vivenciado.

Embora, todos os dias, os alunos se deparem com diferentes paisagens que expressam a realidade do seu lugar, muitas vezes, ao entrar na escola, este espaço observado e vivido é descartado nas aulas de Geografia.

Assim, o trabalho de campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido.

Todavia, para que se obtenham resultados satisfatórios no processo de ensino-aprendizagem num trabalho de campo, faz-se necessário seguir alguns procedimentos metodológicos que, segundo Rodrigues e Otaviano (2002, p. 35-43), comportam três momentos fundamentais e imprescindíveis: a preparação, a realização e os resultados/avaliação.

A preparação é uma etapa fundamental para o sucesso do trabalho de campo. A realização de um bom planejamento pode assegurar que os objetivos traçados sejam realmente alcançados durante a saída da escola. Nesta fase de preparação, algumas atividades podem ajudar, tais como a definição dos objetivos, dos custos, a escolha do local, a apresentação da proposta aos pais e à direção da escola, a fixação de um calendário, dos equipamentos de primeiros-socorros e de utilização dos alunos, a busca pela interdisciplinaridade, pelo engajamento e pela motivação dos alunos ao longo de todas as etapas do trabalho de campo.

Antes de sair a campo, também deve haver uma preparação prévia, na qual serão estabelecidas não só as normas de trabalho, mas sobretudo de conduta, para evitar correrias, gracejos, gritarias etc., que comprometam os resultados do trabalho de campo.

Na realização do trabalho de campo, o professor deve optar pelo tipo mais adequado à realidade da sua turma, já que existem duas modalidades de trabalho de campo no ensino de Geografia: a visita guiada ou técnica e a excursão didática expositiva de observação, de reconhecimento e de descoberta. Em ambas o professor deve aguçar, na medida do possível, a curiosidade dos alunos para que, a partir das suas observações e das informações coletadas, possam construir sua aprendizagem, alcançando, assim, os objetivos propostos para a saída a campo.

Na avaliação, o professor, juntamente com os alunos, deve fazer um balanço dos aspectos positivos e negativos do trabalho de campo. Segundo Rodrigues e Otaviano (2002, p. 41), é nessa hora que o trabalho de campo fica claro, com fins didáticos, diferenciando-se dos passeios com objetivos apenas de lazer. O trabalho de campo deve ser encarado a partir do momento em que todos entram no ônibus na saída e descem no retorno.

Dada a riqueza de uma atividade como esta, seria um desperdício se não houvesse uma culminância. Daí a importância de o professor propor à turma um debate sobre o que foi percebido e compreendido. Outras atividades, como a elaboração de redações, mapas mentais, croquis, mural de fotos, blogs e fotoblogs, exposições etc., também podem ser realizadas.

Nesta perspectiva de um trabalho de campo crítico e construtivo no ensino de Geografia, apresentaremos, a seguir, alguns roteiros que foram elaborados a partir das nossas experiências docentes no ensino fundamental e médio e dos nossos conhecimentos e vivências no município de Sobral.

MAPEANDO ALGUNS ROTEIROS DE TRABALHO DE CAMPO EM SOBRAL

O município de Sobral se apresenta como um laboratório a céu aberto a ser explorado nos trabalhos de campo de Geografia. As suas paisagens revelam as transformações e as formas que a sociedade imprimiu na natureza ao longo do tempo.

Localizado na porção noroeste do Estado do Ceará, a 230 km de Fortaleza, o município compreende uma área de 2.122,99 km², dividida administrativamente em doze distritos.

Os fatores físico-naturais se destacam nas paisagens, uma vez que a cidade está inserida no sertão semi-árido nordestino e é cortada pelo rio Acaraú. A serra da Meruoca e o vale do rio Acaraú são as principais unidades de relevo que condicionam o seu clima quente e seco (médias térmicas oscilando entre 27° a 28°C), com um regime pluviométrico de 800mm³/ano e com duas estações bem definidas (uma chuvosa e outra seca). Na vegetação de caatinga, destaca-se a presença da carnaúba, matéria-prima usada, desde os tempos remotos até os dias atuais, como fonte de trabalho de parte da população mais humilde.

Sob estas condições físicas, a sociedade foi transformando Sobral ao longo do tempo, o que é, sem sombra de dúvida, um aspecto instigante para os trabalhos de campo nas aulas de Geografia.

Sobral é uma cidade média, tendo apresentado no Censo 2000 uma população de 155.276 habitantes e uma taxa de urbanização de 86,62%, segundo o IBGE. A cidade se destaca no contexto da rede urbana cearense como um pólo econômico que influencia cerca de 50 municípios da região Norte do Estado. Atualmente, a indústria é a principal atividade econômica de Sobral, associando-se ao comércio, que é uma atividade de importância histórica na formação das suas paisagens.

Baseando-se nas investigações realizadas por Lima (2005) no Ensino Fundamental II de Geografia de duas escolas (uma pública e uma particular) do município, pôde-se constatar que o trabalho de campo ainda é uma atividade pouco realizada nas escolas estudadas.

Porém, Sobral é uma cidade que apresenta paisagens riquíssimas que podem ser trabalhadas como roteiros nas aulas de Geografia. Defendemos que a realização mais freqüente dos trabalhos de campo contribui para diminuir a carga do “conteudismo” e do “decoreba” que ainda estão presentes nas aulas de Geografia das escolas do município.

Neste intuito, elaboramos a seguir seis roteiros para trabalhos de campo na cidade. Nesta proposta, preferimos não definir conteúdos nem séries específicas, defendendo a criatividade e autonomia dos professores para adequarem estas sugestões às suas realidades. Estamos certos de que muitos destes roteiros já são conhecidos ou até trabalhados pelos colegas professores de Geografia, assim como temos consciência de que as propostas apresentadas não esgotam as possibilidades de os professores e alunos descobrirem novas e desenvolverem ainda mais o trabalho de campo como um aporte ao ensino crítico e construtivo da Geografia.

ROTEIRO 1: Margem esquerda do rio Acaraú/Praça da Sé - Corredor Cultural/Praça São João - Mercado público - Estação ferroviária/CFN

Duração prevista: 4 horas

Objetivo geral: analisar alguns marcos históricos e geográficos da formação e do crescimento da cidade de Sobral.

Planejamento em sala:

Inicialmente, o professor poderá apresentar os objetivos do roteiro do trabalho de campo, ressaltando a sua relevância para o conhecimento construído a partir da vivência na escola. O professor poderá convidar os alunos a pesquisarem sobre a evolução da cidade de Sobral, desde o século XVIII, no intuito de que eles montem um acervo de fotos antigas e informações que retratem a formação e a expansão da cidade. Em seguida, o professor também pode solicitar a leitura e a discussão do livro “Onde a luz fez a curva” (história quadrinizada), de Maria Norma Soares, Edições UVA.

Uma outra sugestão é convidar uma pessoa da terceira idade (dotada de um conhecimento histórico vivenciado) e/ou parentes de uma família que tenham registros da época estudada. Concluída esta etapa, o professor poderá orientar os alunos para o fechamento da parte teórica com uma pesquisa via internet, jornais locais e outras fontes que discutam a cidade presente.

Sugestões metodológicas para o trabalho de campo:

O professor poderá dirigir-se à margem esquerda do rio Acaraú, sendo a primeira parada para dar início ao trabalho de campo. Neste local, pedirá aos alunos que façam uma leitura da

paisagem deste e dos próximos pontos de parada, ressaltando a diferença entre ver e observar atentamente a paisagem.

O professor solicitará aos alunos que comentem algumas das suas observações e registros *in loco*, para instigar o olhar atento durante a atividade. Porém, não deverá emitir juízo de valor sobre elas. Ainda nesta parada, as observações poderão ser dirigidas sobre os seguintes aspectos da paisagem:

- A importância do rio Acaraú para a formação e o crescimento da cidade de Sobral.
- Os diferentes usos e ocupação do solo e as visíveis desigualdades sociais entre as margens do rio Acaraú.
- O processo de poluição, de assoreamento e os usos tradicionais que as populações ribeirinhas fazem do rio - lavadeiras, pescadores...
- Os impactos ambientais e culturais causados pela construção da barragem espelho vertedouro do rio Acaraú.
- A forma como se acham distribuídas as residências em relação ao relevo, se estão assentados de forma ordenada ou desordenada, etc.

Na segunda parada do corredor cultural (Casa da Cultura, Teatro São João e Museu Dom José), o professor deve se posicionar, de preferência, na Praça São João. Os alunos podem observar que:

- A paisagem do corredor cultural é um bom exemplo da coexistência do passado e do presente, dos velhos sobrados e casarões que mantêm as suas fachadas, mas que já apresentam diferentes usos; é uma paisagem em que as suas formas possibilitam um breve resgate de parte da história local.
- A influência da arquitetura e da cultura européia na sociedade local a partir do aquecimento da economia dos séculos XVIII ao XIX.
- O processo de tombamento do corredor cultural e as suas finalidades.

Na terceira parada, os alunos poderão observar as mudanças que estão ocorrendo no Mercado Central e o professor poderá chamar atenção para as diversas fases do Mercado Central de Sobral, assim como para a importância do comércio para a economia da cidade.

Posteriormente na CFN (ex-RFFSA), os alunos podem observar a arquitetura, os trilhos e o professor poderá acrescentar que:

- O trem foi o meio de transporte, em parte, responsável pelo crescimento econômico de Sobral.
- Os novos usos da estação e as possibilidades de criação de espaço cultural a ser explorado.
- A política de privatização implementada no governo de FHC, que ceifou definitivamente o trem como um meio de transporte de baixo custo de manutenção e de acessibilidade pela população de baixa renda. Aqui fica a possibilidade para se fazer um paralelo entre a ferrovia e a rodovia, no tocante ao desenvolvimento econômico e tecnológico.

Avaliação: participação e engajamento nas atividades; observações e questionamentos; anotações sob forma de relatório; apresentação e/ou exposição.

Possibilidades para o trabalho interdisciplinar: História, Ciências, Formação Humana e Religiosa.

Outros pontos que podem ser explorados no roteiro: uma visita direcionada com data e hora marcada ao Museu Dom José, ao Museu do Eclipse e à Feira de confecções do “Mercado Velho”.

ROTEIRO 2: Bairros Coração de Jesus - Colina da Boa Vista - Junco - José Euclides II (Terrenos Novos) - Alto do Cristo

Duração prevista: 4 horas

Objetivo geral: discutir a relação sociedade-natureza que se expressa nos impactos ambientais e nas diferentes paisagens de alguns bairros de Sobral.

Planejamento em sala:

O professor, inicialmente, poderá apresentar os objetivos do roteiro do trabalho de campo, questionando dos alunos o que eles conhecem das paisagens destes bairros. Em seguida, poderá propor uma pesquisa geral que trate do estado de conservação das lagoas da Fazenda e do Mucambinho, tendo como fonte de consulta os sites <www.sobral.org> e <www.saae.org>, o Boletim Municipal e os jornais locais.

Para enriquecer mais ainda o estudo, o professor terá como recurso cartográfico para a localização das lagoas em sala de aula o mapa base de Sobral na escala de 1:5.000, confeccionado pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – SDUMA. É possível ainda que os alunos identifiquem no mapa base os principais bairros da cidade e diferenciem, do ponto de vista arquitetônico e do padrão social dos moradores, os bairros “ricos” e os bairros “pobres”, como a Colina da Boa Vista e os Terrenos Novos.

E para concluir a parte teórica, o professor poderá dividir a turma em grupos, para que cada um faça um breve levantamento da origem dos bairros do Roteiro 2.

Sugestões metodológicas para o trabalho de campo:

A Lagoa da Fazenda será a primeira parada do roteiro para a observação dos alunos. Nesta parada, o professor poderá complementar a observação dos alunos, chamando atenção para os seguintes aspectos da paisagem:

- O tratamento dispensado pelo poder público à Lagoa da Fazenda, ressaltando a presença do pasto bio-indicador de poluição na água e o mau cheiro que esta exala.
- As construções no entorno da lagoa, o aumento da especulação imobiliária e a negligência dos órgãos responsáveis pela fiscalização dos impactos ambientais (como a SDUMA e a SEMACE), que terminam reforçando o tratamento da natureza como uma mercadoria.

Na segunda parada (Colina da Boa Vista), os alunos podem observar atentamente a paisagem para perceber:

- A ordenação do bairro, a partir da estrutura e disposição das casas, do saneamento básico, da arborização, fatores estes correlacionados ao nível econômico da população residente.

Na terceira parada (Av. John Sanford), nas proximidades da Escola Netinha Castelo, o professor poderá chamar atenção dos alunos para a leitura da paisagem, sempre os deixando livres para traçar seus próprios comentários. Caso o professor sinta a necessidade de acrescentar, é bom alertar para os aspectos abaixo:

- A intensidade dos fluxos da população e dos meios de transporte, como moto-táxi, bicicletas, tops, D-20, ônibus, caminhões, a qualidade e o custo desses fluxos.
- Condições de acesso da população e das ruas (calçadas e asfaltadas).
- Da degradação do meio ambiente com o lixo, poluição atmosférica, ruas não ou semi-arborizadas, árvores pintadas e/ou com adereços pregados, saneamento básico e desconforto ambiental.

Posteriormente, na quarta parada da Lagoa do Mucambinho/Terrenos Novos, poderá ser observado:

- A poluição da lagoa, a ocupação do seu entorno, os padrões das residências, a carência de saneamento que denunciam um uso e ocupação desordenada do solo urbano.
- Estas observações levarão o aluno a comparar as paisagens da Lagoa do Mucambinho com a Lagoa da Fazenda, o bairro Colina da Boa Vista com os Terrenos Novos.

- Outro fator interessante a ser percebido é o movimento nas ruas dos Terrenos Novos, que é bem mais intenso de que na Colina da Boa Vista, já que nos bairros pobres a rua é uma extensão da casa.
- A observação destes aspectos pode ser relacionada a outros fatores, como violência, doenças, fome, prostituição, analfabetismo etc., os quais poderão fomentar um debate em sala de aula.

Na quinta parada, aos pés do Cristo Redentor, o professor pode sugerir aos alunos que leiam a paisagem a partir das várias direções, percebendo os elementos que as diferenciam no contexto espacial.

- Nesta visão panorâmica, é possível perceber as unidades de relevo (depressão bordejada pela serra) sob a qual se assenta a cidade de Sobral e associar às condições climáticas da cidade; observar os cursos d'água, a vegetação e questionar, diante do crescimento da cidade: como está a relação sociedade-natureza na cidade?
- É possível ainda pedir aos alunos para que observem a imponência das indústrias, das igrejas, o traçado da ferrovia, das rodovias e a verticalização que se inicia no espaço urbano de Sobral.
- Ainda nesse mirante, o professor poderá realizar com a turma uma conclusão, de forma que todos falem rapidamente da sensação de perceber a cidade deste ponto.

Avaliação: participação e engajamento nas atividades; observações e questionamentos. Na sala, é possível realizar debates sobre as diferenças das paisagens dos bairros observados, a relação sociedade-natureza, etc.; pode-se fazer relatórios, apresentações e/ou exposições do que foi observado, sob a forma de redações, fotos, mapas mentais, croquis etc.

Possibilidades para o trabalho interdisciplinar: História, Ciências, Artes, Formação Humana e Religiosa.

Outros pontos que podem ser explorados no roteiro: uma visita direcionada com data e hora marcada ao prédio da ex-Rede de Estação Ferroviária S.A. – RFFSA.

ROTEIRO 3: Bairros Sumaré – Distrito Industrial – Dom Expedito

Duração prevista: 4 horas

Objetivo geral: compreender a organização espacial das indústrias de Sobral e os impactos econômicos e sócio-ambientais resultantes das suas atividades.

Planejamento em sala:

Propor à turma a realização de uma pesquisa sobre a evolução da indústria, do século XVIII ao século XXI (1ª, 2ª e 3ª Revolução Industrial) e debater coletivamente;

Exibir o filme “Tempos Modernos”, com Charles Chaplin, e discutir o processo de produção fordista, as relações de trabalho, as conquistas trabalhistas, a poluição industrial, as mudanças nos modos de produção com o toyotismo, etc.

O professor poderá ainda listar e discutir, a partir dos conhecimentos dos alunos, as indústrias existentes em Sobral e os impactos gerados.

Sugestões metodológicas para o trabalho de campo:

Na primeira parada (Igreja do Alto do Sumaré), o professor colocará a turma na posição de observadores. O papel do professor neste momento é instrumentalizar os alunos para a leitura da paisagem.

Na segunda parada (Moageira Serra Grande, no Distrito Industrial), o professor deixará os alunos livres para observação e identificação das fábricas existentes. Neste ponto, outros aspectos podem ser observados, tais como:

- A distribuição das indústrias na cidade de Sobral, inclusive o fato de algumas estarem fora do Distrito Industrial.

- A inexistência dos movimentos sindicais organizados e atuantes (com manifestações, greves...).
- A poluição ambiental provocada pelas indústrias, como a poluição do ar, dos recursos hídricos etc.

Na terceira parada (Várzea Grande/Dom Expedito), o professor possibilitará aos alunos perceberem que o meio ambiente não é resultante exclusivamente dos fatores naturais, mas também das variáveis econômicas, sociais, políticas e culturais. Como exemplo, o professor poderá pedir para que eles apontem os impactos expressos na paisagem de Várzea Grande, que transformam tanto a natureza, quanto a sociedade.

Avaliação: participação e engajamento nas atividades; observações e questionamentos; anotações sob forma de relatório; apresentação, debate e/ou exposição.

Possibilidades para o trabalho interdisciplinar: História e Ciências.

Outros pontos que podem ser explorados no roteiro: uma visita direcionada com data e hora marcada à Fábrica Moageira Serra Grande ou à Fábrica de Cimento.

ROTEIRO 4: Bairros Campo dos Velhos - COHAB III - Junco

Duração prevista: 4 horas

Objetivo geral: analisar o crescimento populacional de Sobral nas últimas décadas e a descentralização provocada com o adensamento de alguns bairros.

Planejamento em sala:

O professor deve deixar claros os objetivos do roteiro do trabalho de campo e sondar com os alunos os seus conhecimentos deste trajeto.

Caso a escola disponha de internet, o professor pode dar as orientações detalhadas para que os alunos pesquisem nos sites do IBGE (www.ibge.gov.br) e do IPECE (www.ipece.ce.gov.br) a evolução da população total (homens e mulheres), urbana e rural de Sobral nas últimas décadas e discutir em sala as principais causas para o que os dados demonstram. Podem consultar também o site da Prefeitura de Sobral (www.sobral.ce.gov.br) e pesquisar mapas e informações sobre os bairros e as atividades econômicas da cidade.

Vale lembrar que, mesmo a escola não dispondo de internet, é interessante incentivar os alunos a usar os terminais de consulta pública espalhados pela cidade ou, se puderem, os cyber-cafés particulares.

Formar grupos na turma e solicitar uma entrevista com alguns agentes imobiliários de Sobral, para identificar quais os bairros que mais crescem em Sobral, quais os terrenos mais valorizados etc. Os resultados dessa pesquisa podem subsidiar um debate sobre a especulação imobiliária.

Sugestões metodológicas para o trabalho de campo:

Ao longo do trajeto da Av. do Contorno, em direção à primeira parada, já é possível o professor pedir aos alunos para observarem a paisagem, a ocupação, a expansão urbana existente para além das “fronteiras” dos trilhos que “limitam” a área central. Baseando-se nas observações dos alunos, o professor pode discutir, posteriormente, o crescimento e a descentralização do comércio e dos serviços, o Parque da Cidade, o Centro de Convenções etc. Na primeira parada (lagoa do Javan/Junco), podem ser observados pelos alunos:

- A presença da carnaúba como um bioindicador da degradação ambiental e a especulação imobiliária que a área vem sofrendo recentemente.
- O conforto ambiental e a qualidade de vida das pessoas que moram nas proximidades da lagoa.

Na segunda parada (Estrada do Cachoeiro/COHAB III), o professor deve ficar atento para acrescentar, se necessário:

- A valorização imobiliária da área em virtude do açude do Cachoeiro; as condições ambientais do açude.

Na terceira parada (Kart Club/COHAB III), novamente o professor deve ficar atento às observações da turma. Caso necessite, deve acrescentar:

- As práticas de “antecipação espacial” para a venda de lotes em áreas que estão sofrendo intensa especulação imobiliária; os aterros irregulares das lagoas e cursos d’água para a construção de residências nesta área; as políticas de habitação para a construção dos conjuntos habitacionais e das casas populares, etc.

Na quarta parada, no trecho compreendido entre o CCH/UVA e o Hipermercado Píneiro, na Av. John Sanford, o professor deve seguir a mesma sistemática, pedindo que os alunos observem a paisagem e mediante a sua leitura falem sobre o que foi visto. Caso necessário, pode solicitar a atenção sobre os seguintes aspectos:

- A descentralização do comércio e dos serviços, o adensamento populacional, o fluxo de veículos e pessoas nesta importante avenida da cidade etc.

Avaliação: participação e engajamento nas atividades; observações e questionamentos; anotações sob forma de relatório; apresentação, debate e/ou exposição.

Possibilidades para o trabalho interdisciplinar: História, Ciências, Formação Humana e Religiosa.

Outros pontos que podem ser explorados no roteiro: uma visita direcionada com data e hora marcada ao Museu de Geologia da Casa da Geografia no CCH/UVA – Campus do Junco.

ROTEIRO 5: Distritos de Aracatiçu e Taparuaba

Duração prevista: 8 horas

Objetivo geral: conhecer melhor o território de Sobral através dos distritos de Taparuaba e Aracatiçu.

Planejamento em sala:

O professor deve deixar claros os objetivos do roteiro e provocar uma tempestade de idéias para saber o que os alunos já conhecem dos distritos de Taparuaba e Aracatiçu.

Outra tarefa imprescindível na preparação para a aula de campo é identificar e localizar Sobral no Estado do Ceará; as suas fronteiras com os municípios vizinhos; a localização geográfica de Aracatiçu e Taparuaba; calcular as distâncias médias entre o centro da cidade e os distritos; analisar a quantidade e distribuição dos recursos hídricos.

É fundamental que o professor solicite uma breve pesquisa sobre as fontes de águas hipotermiais e sobre as descobertas arqueológicas, como pinturas, gravuras rupestres etc.; para este último tema, é possível realizar um trabalho interdisciplinar com a História. O professor de Ciências também pode discutir na sua aula sobre as propriedades físico-químicas e os efeitos terapêuticos das fontes hipotermiais.

Se possível, é interessante realizar uma visita com os professores de História e de Ciências ao Museu Dom José Tupinambá da Frota, para a identificação de alguns achados arqueológicos de Sobral.

Sugestões metodológicas para o trabalho de campo:

A primeira parada será no distrito de Aracatiçu, na fonte hipotermal Olho d’água do Pa-jé. O professor incentivará a turma a observar a paisagem. O Professor solicitará aos alunos que comentem suas observações, de forma que todos participem. Caso a turma esqueça de fazer colocações importantes, o professor poderá acrescentar:

- O uso da fonte hipotermal; as propriedades medicinais da água da fonte hipotermal como uma possibilidade para a geração de emprego e renda a partir da atividade turística; as condições de saneamento básico ao redor; o lixo e a conservação do ambiente.

Na segunda parada, no distrito de Tapuruaba, na Pedra das Andorinhas e na Pedra do Sino, o professor seguirá a mesma sistemática de observação e, caso haja necessidade, poderá acrescentar:

- As práticas agrícolas desenvolvidas nas proximidades; as principais espécies da vegetação; a presença e o tipo da fauna; a vida simples da população local

O Professor poderá ainda orientar os alunos para conversar com alguns moradores e saber como é a vida distante do centro da cidade, quais as principais dificuldades, etc.

Avaliação: participação e engajamento nas atividades; observações e questionamentos; anotações sob forma de relatório; apresentação, debate e/ou exposição.

Possibilidades para o trabalho interdisciplinar: História e Ciências.

Outros pontos que podem ser explorados no roteiro: uma visita direcionada aos açudes Santo Antônio (do Aracatiçu) e Santa Maria (da Tapuruaba).

ROTEIRO 6: Distritos de Aprazível, Jaibaras e Rafael Arruda

Duração prevista: 8 horas

Objetivo geral: conhecer melhor o território de Sobral através dos distritos de Aprazível, Jaibaras e Rafael Arruda.

Planejamento em sala:

O professor deve deixar claros os objetivos do roteiro e provocar uma tempestade de idéias para saber o que os alunos já conhecem dos distritos de Aprazível, Jaibaras e Rafael Arruda.

Outra tarefa imprescindível na preparação para a aula de campo é identificar e localizar estes distritos no município de Sobral, as fronteiras que fazem com outros municípios, assim como calcular as distâncias médias entre o centro da cidade e estes distritos.

É fundamental que antes do trabalho de campo o professor solicite uma pesquisa sobre as políticas públicas voltadas para as associações comunitárias e o crédito para o pequeno e médio empresário, tendo como fontes de pesquisa os sites: <www.sebrae.org>, <www.fat.com.br> e <www.sobral.org>.

Sugestões metodológicas para o trabalho de campo :

No distrito de Jaibaras (açude Aires de Sousa), o professor instigará os alunos a fazerem as suas observações; caso a turma esqueça de fazer colocações importantes, o professor poderá acrescentar:

- A importância da piscicultura para a geração de emprego e renda da população local em contraposição aos impactos ambientais advindos da superlotação das gaiolas e pelas precárias condições sanitárias locais.

Na segunda parada, no distrito de Aprazível (feira de negócios/artesanatos), o professor pode seguir a mesma sistemática de observação com a turma e, caso haja necessidade, poderá acrescentar:

- A geração de emprego e renda local; as condições oferecidas para o funcionamento da feira; a diversidade dos produtos e os preços de venda, a origem dos feirantes etc.
- Chamar atenção para a quantidade de lixo, sobretudo das sacolas de plástico deixadas pelos consumidores ao longo da BR-222.

Na terceira parada, em Rafael Arruda (galpão das redes), o professor deve deixar a turma livre para observar:

- A geração de emprego e renda local; analisar as etapas de produção de uma rede e os subprodutos que ela gera para o proprietário.
- Chamar atenção para a dependência da população local a esta atividade econômica, até mesmo aquelas terciárias.

O professor pode ainda orientar os alunos para terem uma conversa com os moradores. Avaliação: participação e engajamento nas atividades; observações e questionamentos; anotações sob forma de relatório; apresentação, debate e/ou exposição.

Possibilidades para o trabalho interdisciplinar: História, Artes, Ciências, Formação Humana e Religiosa.

Outros pontos que podem ser explorados no roteiro: uma visita direcionada à Serra do Carnutum (acidente geográfico entre Mucambo, Sobral e Coreaú), conhecida como Serra-Verde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os seis roteiros apresentados acima necessitem de um meio de transporte para a realização do trabalho de campo, não podemos deixar de ressaltar que também é possível desenvolver esta atividade nas proximidades da escola, em lugares onde seja dispensável a utilização de um ônibus.

É necessário também que as direções das escolas públicas e os pais reconheçam a importância dos trabalhos de campo para a aprendizagem dos alunos e se unam para pleitear que as instituições públicas (Prefeitura, Universidade etc.) patrocinem o transporte para esta atividade que, geralmente, ocorre com mais frequência e de forma mais interdisciplinar nas escolas particulares.

No trabalho de campo, o que poderia ser considerado “enfadonho” e cansativo (deslocamento, observação, reflexão etc.) ganha outra conotação porque, na maioria das vezes, passa a ser mais produtivo e prazeroso do que os “discursos” da sala de aula. Assim, sair das dependências da escola para um determinado percurso extra-sala será sempre encarado como uma grande satisfação pela sensação agradável que culmina na aprendizagem.

O aluno que teve a experiência de um bom trabalho de campo em Geografia terá mais probabilidades de realizar pesquisas individuais de cunho profissional, será mais crítico e com um grande poder de articular o conhecimento adquirido à sua realidade. Eventualmente, ele também estará apto a desenvolver trabalhos coletivos, hoje tão visados no mercado de trabalho.

Desta forma, conclui-se que o trabalho de campo bem planejado e contextualizado apresenta-se como uma alternativa à melhoria do ensino de Geografia na cidade de Sobral e, conseqüentemente, para a formação de alunos críticos e conscientes das transformações espaciais vigentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. p.83-133.

CARVALHO, Delgado de. A excursão geográfica. **Revista Brasileira de Geografia**. São Paulo: IBGE, out/dez,1941. p.96-105

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva socioconstrutivista. In: _____. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002. p. 71-100

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Teoria e Método: seleção de textos**. São Paulo: Co-edição AGB-SP e AGB-Nacional, v. 11, 1985.

LIMA, Vanuzia Brito. **Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia**. 97 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral/CE, 2005.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, José William. **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004. p. 249-288

RODRIGUES, Antonia Brito; OTAVIANO, Claudia Arcanjo. Guia metodológico de trabalho de campo em Geografia. **Revista Geografia**. Londrina, v. 10, n. 1, jan/jun, 2001. p. 35-43

SANSOLO, Davis Gruber. **A importância do trabalho de campo no ensino de Geografia e para a Educação Ambiental**. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 1996.

_____. O trabalho de campo e o ensino de Geografia. **Revista GEOUSP**. Espaço e Tempo. São Paulo: v. 7, EDUSP, 2000. p. 135-145

